



APRENDIZAGEM COLABORATIVA NO AVA - AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Marinez Miguel Canela¹, Renata Simões De Brito Cardoso²

RESUMO: O presente artigo³ objetivou refletir sobre a aprendizagem colaborativa no ambiente de aprendizagem do ensino à distância. Aprofundar conhecimento sobre o conceito de inteligência coletiva abordado pelo filósofo francês Pierre Lévy, e demais conceitos correlacionados ao tema como por exemplo: espaço do saber, ciberespaço, cibercultura e cosmopédia. Buscou-se através de uma pesquisa bibliográfica, compreender o conceito e estabelecer relações com o campo educacional identificando aspectos e ações relevantes a serem refletidas e em vista de sua viabilidade, desenvolvidas, no ambiente virtual de aprendizagem, visando à ampliação do saber colaborativo na educação à distância. Entende-se que os profissionais envolvidos nesta modalidade de ensino precisam compreender e apoderar-se destas novas possibilidades tecnológicas e interativas, das relações que se dão neste novo espaço do saber, criando novas competências para contribuir para a construção deste conhecimento coletivo.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem colaborativa. AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem. Pierre Lévy. Saber coletivo.

1 INTRODUÇÃO

As pesquisas revelam um grande crescimento da modalidade de educação a distância. Devido à dinâmica da atualidade, a EAD- Educação à distância, vem se tornando uma grande alternativa para os alunos devido à flexibilização de tempo e espaço, ou seja, os educandos tem maior possibilidade de organizar seus horários de estudo de acordo com suas especificidades e ou demandas, diminuindo também frequência e deslocamento até a instituição de ensino no processo de aquisição do conhecimento.

Neste contexto, juntamente com os avanços tecnológicos encontra-se os AVAs- Ambiente virtual de aprendizagens que nos proporcionam grande oportunidade de acesso ao conhecimento. Porém aqui, faz-se uma ressalva quanto à viabilidade de que estes ambientes de aprendizagem sejam pautados pelo princípio da construção coletiva do conhecimento, tendo em vista que grandes teóricos com Piaget e Vygotsky já afirmavam no século passado, a viabilidade da construção do conhecimento a partir da interação social, na troca entre pares mais experientes que a partir da comunicação, da troca, reflexão e análise possuem maiores condições de construir seu saber. Também, na atualidade, encontram-se pesquisadores, escritores que ressaltam a viabilidade desta construção coletiva. Nesse sentido, destaca-se o autor contemporâneo Pierre Lévy, filósofo francês, reconhecido internacionalmente por seus escritos acadêmicos sobre este tema e outros correlacionados.

Atuação como professora mediadora no ensino a distância, percebe-se o quanto faz se necessário promover, incentivar, cada dia mais, este saber coletivo e ou aprendizagem colaborativa, para que todos sejam eles, educadores, educandos e demais envolvidos, possam colher os frutos deste processo de construção do conhecimento. Sendo assim, apoiada na perspectiva do pesquisador Pierre Lévy⁴, tem se como proposta aprofundar nossos estudos, compreender melhor sobre o saber coletivo. Identificar aspectos e ações relevantes para serem refletidas para posteriormente, em vista de sua viabilidade, serem desenvolvidas e incentivadas visando o desenvolvimento da aprendizagem colaborativa⁵, a aplicabilidade deste princípio no AVA⁶, na prática de ensino na EAD.

¹ Pós-Graduada em AEE- Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Estadual de Maringá. Graduada no curso de Pedagogia pela mesma instituição. E-mail: <marinezmcanela@hotmail.com>.

² Mestre em Promoção da Saúde pela Unicesumar. Pós-Graduada em AEE- Atendimento Educacional Especializado. Gestão Educacional. Educação a Distância e Tecnologias Educacionais. Graduada nos cursos de Pedagogia e Biologia. E-mail: <renata.simo.es.de.brito@gmail.com>.

³ Artigo apresentado como requisito para conclusão do curso de Pós-graduação: EaD e as Tecnologias Educacionais. Sendo Marinez Miguel Canela, pós graduanda e Renata Simões De Brito Cardoso, orientadora do presente artigo.

⁴ “O filósofo Pierre Lévy, francês radicado no Canadá, é um dos maiores expoentes no campo de estudos da mídia cibernética. Em toda sua trajetória intelectual esteve dedicado à compreensão dos fenômenos de comunicação e produção de informação e conhecimento. Mas foi no final da década de 1990 que se consolidou como um dos intelectuais mais respeitados no estudo da internet como um fenômeno cultural.” (JOAQUIM, 2015, p. 1) Defende o uso do computador, da internet com fator fundamental no ambiente escolar como forma de democratização do conhecimento. Desenvolveu conceitos com tecnodemocracia e cosmopédia, aborda sobre o ciberespaço, a cibercultura e o espaço do conhecimento.

⁵ Ressaltamos que os termos saber coletivo e aprendizagem colaborativa, são utilizados por diferentes autores, alguns mais o primeiro, e outros o segundo porém, identificamos que ambos abordam a relevância da construção do conhecimento na relação com um grupo, onde a ajuda e o crescimento mútuo são características essenciais. Pautando na perspectiva de Pierre Lévy, priorizaremos na sua grande maioria o termo saber coletivo, porém Lévy, esclarece que aprendizagem colaborativa seria a melhor tradução de inteligência coletiva para o campo educativo.



2 MATERIAL E MÉTODOS

Visando à concretização dos objetivos e de forma geral, a ampliação da compreensão sobre o tema da pesquisa, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, a partir das obras de Pierre Lévy (1993, 1999 e 2003) e demais autores que também estudaram sobre o tema seguindo a perspectiva do filósofo em questão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

COMPREENDENDO O CONCEITO DE SABER COLETIVO NA PERSPECTIVA DE PIERRE LÉVY

Um desejo almejado por Lévy e compartilhado revela a essência por aqueles que veem a aprendizagem colaborativa como um instrumento que pode possibilitar o bem coletivo da humanidade. Porém, segundo o próprio autor, precisamos definir quais são nossos objetivos para organizar as redes digitais de comunicação interativa visando à concretização destes interesses.

[...] os novos meios de comunicação poderiam renovar profundamente as formas do laço social, no sentido de uma maior fraternidade, e a ajudar a resolver os problemas com os quais a humanidade hoje se debate (LEVY, 2003, p.13).

A aprendizagem colaborativa acontece no ciberespaço, segundo Lévy (2003, p. 12) é um “grande meio heterogêneo e transfronteiriço”, ou seja, o ambiente virtual tem como característica marcante a interação entre pessoas de diferentes espaços geográficos, com costumes, culturas diversificadas que se relacionam entre si. É um “espaço invisível de conhecimento, saberes, potências de pensamento em que se brotam e se transformam qualidades do ser, maneiras de constituir sociedade” (LEVY, 2003, p.15).

As pessoas neste espaço virtual, se relacionam, comunicam com objetivos lúdicos, educacionais e ou profissionais construindo novas redes de convivência e conseqüentemente, de forma consciente ou inconsciente, se transformando e contribuindo para a transformação dos demais. Constroem conhecimentos e se compartilham objetivos comuns com os demais, aumentam as chances de construir saberes que transformarão a realidade de muitos, segundo Lévy (2003, p. 17) “se inventarão coletivamente como espécie”.

Porém temos um grande desafio, precisamos aprender a conviver neste novo espaço para atingir a inteligência coletiva.

Encontramo-nos, portanto, na situação de uma espécie em que cada membro teria boa memória, seria observador e astucioso, mas ainda não teria atingido a inteligência coletiva da cultura por falta de linguagem articulada. Como inventar a linguagem quando jamais se falou, quando nenhum de seus ancestrais jamais proferiu uma frase, [...] Por analogia, trata-se de nossa situação: não sabemos o que devemos criar, o que talvez já tenhamos obscuramente começado a esboçar (LEVY, 2003, p.17).

Acredita-se que como Lévy colocou à quase onze anos atrás, já foi realizado um grande “esboço”, e tentativas de comunicação almejando a inteligência coletiva, porém ainda precisam-se avaliar melhor as ações para traçar estratégias, planejamentos e projetos visando resultados ainda maiores. Segundo Lévy (2003) a prosperidade das nações e dos indivíduos dependem de sua capacidade de navegar no espaço do saber.

Quanto melhor os grupos humanos conseguem se constituir em coletivos inteligentes, em sujeitos cognitivos, abertos, capazes de iniciativa, de imaginação e de reação rápidas, melhor asseguram seu sucesso no ambiente competitivo que é o nosso (LÉVY, 2003, p.19).

Neste momento, entende-se viável compreender o que é este espaço do saber. O autor esclarece que a humanidade passou por um desenvolvimento de espaços antropológicos, sendo eles: Terra, Território, Espaço, Mercadoria e o atual Espaço do Saber. De forma bem sucinta, o espaço Terra se deu nas primeiras relações que o homem estabelece, ainda de forma nômade, desenvolve a “linguagem, a técnica e as formas complexas de organização social” (LÉVY, 2003, p.22).

O segundo espaço antropológicos advém do desenvolvimento da agricultura, da domesticação de animais e por consequência a fixação do homem em Territórios. Já o terceiro, provém do surgimento da troca de mercadorias, da moeda, do advento e ampliação dos signos, da ampliação da comunicação e conseqüentemente do mercado mundial⁷. O quarto espaço seria onde nos encontramos na atualidade o espaço do saber. No quarto espaço, o sujeito do conhecimento constitui-se por sua enciclopédia. Porque seu saber é um saber de vida, um saber vivo, ele é o que ele sabe (LÉVY, 2003, p.181).

Este espaço se destaca pela valorização do conhecimento nas suas mais variadas dimensões e manifestações. Segundo Lévy (2003, p.121) é um espaço que não existe por ser virtual, mas por outro lado, sempre existiu no “advento da virtualidade, na sua qualidade de ser”.

⁶ AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem

⁷ Para compreender melhor sobre estes espaços antropológicos, sugiro a leitura do 8º ao 10º capítulo do livro A inteligência coletiva de Pierre Lévy.



O saber, no sentido em que o entendemos aqui é um vir a *savoir-vivre*⁸ ou um *vivre-savoir*, um saber co-extensivo à vida. Tem a ver com espaço cosmopolita e sem fronteiras de relações e de qualidades, um espaço da metamorfose das relações e do surgimento das maneiras de ser; um espaço em que se unem os processos de subjetivação individuais e coletivos (LÉVY, 2003, p.121).

Este espaço do conhecimento também tem sido chamado de ciberespaço. Observa-se a definição proposta por Ramal (2002, p.65):

Hoje conhecemos um novo espaço de leitura e escrita. As letras concretas e palpáveis se transformaram em bites digitais; a página em branco é o campo do monitor; a pena é o teclado e há uma estranha separação entre nosso corpo, real, e o texto, virtual (RAMAL, 2002, p. 65).

A Andreia C. Ramal (2002, p. 65) explica que o ciberespaço é fruto deste novo mundo que alguns chamam de pós-moderno. Assim compreende-se com um espaço onde o conhecimento amplo, nas suas mais variadas dimensões, atravessa fronteiras, encontra com a diversidade cultural, com a subjetividade dos indivíduos construindo um saber coletivo, que por sua vez, também age no indivíduo transformando-o.

Nesse sentido temos então a Cibercultura, segundo Pierre Lévy (1999, p.17) é a um “conjunto de técnicas (materiais ou intelectuais), de práticas, atitudes, de modos de pensamento de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

Neste espaço, também denominado por rede, segundo Lévy (2003, p. 28) a inteligência coletiva está “distribuída por toda parte, é incessantemente valorizada, coordenada em tempo real. Resulta da mobilização efetiva das competências” individuais e coletivas. O autor ainda destaca que a “base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas”.

Aqui se entende como essencial, na ideia de Levy, o reconhecimento da inteligência do outro para construção da inteligência coletiva. Esclarece que: “[...] coletivo inteligente não submete nem limita as inteligências individuais, pelo contrário, exalta-as, fá-las frutificar e abre lhes novas potências” (LÉVY, 2003, p.94).

Precisa-se ter a humildade de reconhecer o não saber para motivar um processo de busca e reconhecimento de que se precisa do apoio e conhecimento do outro. O próprio autor nos esclarece esta ideia ao comentar que: “A luz do espírito brilha mesmo onde se tenta fazer crer que não existe inteligência [...]”. Ressalta ainda “[...] se você cometer a fraqueza de pensar que alguém é ignorante, procure em que contexto o que essa pessoa sabe é ouro” (LÉVY, 2003,p.29).

Faz-nos refletir com a seguinte pergunta: Como tornar evidente para todos que o outro é um portador único de *savoir-faire* e de criatividade? (LÉVY, 2003, p.55) Incentiva a busca do conhecimento mútuo e de um sentimento de sinergia na construção do que ele chama como Coletivo Humano⁹. Explica que se precisa “pensar as pessoas como grupos, sociedades. Qualquer julgamento feito sobre o grupo como um todo, sem distinção dos indivíduos que o compõem, será necessariamente injusto” (LÉVY, 1993, p.165).

Pensando na construção deste coletivo humano destacam-se dois termos que é considerado essencial para a construção deste coletivo humano. São os hipertexto e a cosmopédia.

Chama-se de hipertexto, os textos que estão em rede, interligados entre si, onde o leitor, ao buscar conhecimento, tem um gama de possibilidades, de caminhos a ser escolhidos para realização de sua leitura e também tem a possibilidade de ampliar, contribuir para a construção do mesmo.

Veja-se uma definição por Lévy (1999, p.56):

[...] em oposição a um texto linear, como um texto estruturado em rede. O hipertexto é constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências, notas, ponteiros, “botões” indicando a passagem de um nó a outro.

Já sobre o termo cosmopédia, foi criado por Lévy, juntamente com Michel Serre, explicam que no espaço anterior a enciclopédia era utilizada, ou seja, o saber era proposto em forma cíclica. Era um saber linear, em uma só dimensão, na sua maioria texto discursivo em círculo, ficando restrito a certo, limitado espaço. Agora, apresentam uma ampliação, ou seja, a cosmopédia.

Mais do que com um texto de uma só dimensão, ou mesmo com uma rede hipertextual, lidamos com um espaço multidimensional de representações dinâmicas e interativas. Ao confronto entre a imagem fixa e o texto, característico da enciclopédia, a cosmopédia contrapõe um grande número de formas de expressão: imagem fixa, imagem animada, som, simulações interativas, mapas interativos, sistemas especialistas, ideografias dinâmicas, realidades virtuais, vidas artificiais etc. No limite, a cosmopédia contém tantas semióticas e tipos de representações quanto se pode encontrar no mundo. A cosmopédia multiplica as enunciações não-discursivas. . (LÉVY, 2003, p.182)

⁸ Segundo o próprio autor, significa literalmente saber-viver ou viver-saber.

⁹ Subtítulo de um de seus capítulos da obra A inteligência coletiva.



A comospédia se destaca pelo seu poder de alcance, rompe fronteiras com a rede interativa e também pela possibilidade de acesso ao conhecimento por diferentes formas, não se atendo mais somente ao texto discursivo. Assim, a partir destes instrumentos temos condições de atingir um “coletivo humano” ou ainda uma “cidade inteligente”(LÉVY, 2003, p.165), onde todos tenham a possibilidade de participar como cidadãos nesta nova realidade virtual.

Nesse sentido, destaca a necessidade de políticas governamentais que garantam o acesso a todos, para que tenhamos um ciberespaço democratizado. Onde cidadãos possam coletivamente conhecer, discutir, argumentar, e contribuir para a elaboração de propostas para a superação dos problemas comuns de uma comunidade. Segue a ideia:

Os cidadãos desenhariam juntos uma paisagem política qualitativamente tão variada quanto quisessem, sem ficar limitados de saída por grandes separações molares entre partidos. A identidade política dos cidadãos seria definida por sua contribuição à construção de uma paisagem política perpetuamente em movimento, e pelo apoio que dariam a determinados problemas (que eles julgam prioritários), a determinadas posições (as quais eles aderem), a determinados argumentos, (que eles retomam por conta própria). Com isso cada um teria uma identidade e um papel político absolutamente singulares e diferentes dos de outro cidadão, conservando a possibilidade de concordar com os que, sobre este ou aquele assunto, em determinado momento, possuem posições próximas ou complementares (LÉVY, 2003, p.65).

Refletindo ainda sobre esta ideia, tem-se o pensamento de Marcio Vieira de Souza, pesquisador de temas como: mídia e conhecimento, redes informatizadas, movimento de democratização do Brasil e da questão da cidadania global, nos esclarece que com a utilização das tecnologias, mídia, rede, web, temos um “espaço de diálogo, de reelaboração das informações transformando o conhecimento em instrumento de c” (SOUZA, 2008, p.70).

Desta forma, na cidade inteligente, espera-se ter um ciberespaço democrático e chegar a uma cibercidadania. Para que isto ocorra, acredita ser relevante refletir sobre o valor da escuta, abordado também por Lévy. Ou seja, é essencial que o homem esteja sensível, atento para observar, analisar, compreender o ambiente, as relações que se constroem neste contexto e até a si mesmo como agente e reagente social.

A escuta consiste em fazer emergir, em tornar visível ou audível, a miríade de ideias, argumentos, fatos, avaliações, invenções, relações que constituem o social real, a massa do social, em sua mais profunda obscuridade: projetos, competências específicas, modos originais de relação ou de contratualização, experimentos organizacionais etc. (LÉVY, 2003, p.69).

Para que o sujeito desenvolva esta capacidade de escuta, de habilidade, destreza em atuar neste ciberespaço, rumo à promoção da democracia, da cidadania e também da construção do saber coletivo, destaca-se o papel da educação.

SABER COLETIVO NOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM – AVA.

Compreendendo um pouco mais sobre espaço do saber, sobre a relevância da inteligência coletiva. Cientes da presença de uma nova conjuntura, sendo que, os recursos midiáticos, as inteligências artificiais, as tecnologias da informação vão gradativamente transformando as relações sociais e também educacionais. Propõem-se a refletir brevemente sobre esta nova realidade educacional.

Voltando nosso olhar para a educação, mais especificamente para a modalidade de educação à distância e aos AVAs. E sendo assim, pergunta-se: como anda o processo educacional, ele está caminhando considerando esta sociedade do conhecimento?

Ramal (2002) nos alerta que todo este desenvolvimento tecnológico pode nos trazer grande desenvolvimento, mas também, por outro lado, se não bem democratizado, pode ampliar a distância entre as classes sociais e pode ser transformado em mecanismo de exclusão.

Nesse sentido, destaca-se, até que ponto os educadores, estão conseguindo promover e incentivar o acesso a este ciberespaço, proporcionando a seus alunos o acesso à cibercultura.

Em relação a esta necessidade do professor dominar as novas tecnologias apresento a seguinte ideia: “Toda banda larga será inútil se a mente for estreita” (NEVES, 2009, p.2). A frase feita por um grupo de marketing e apresentada por Neves (2009) nos revela que um dos desafios dos docentes é o alargamento de suas mentes, de suas concepções sobre o uso das TICs - Tecnologia da Informação e Comunicação, nas práticas de ensino. Da necessidade de superação das inseguranças do professor mediante as novas tecnologias e também das questões de infraestrutura do ambiente escolar.

De acordo com Neves (2009), pode-se entender que com a presença das TICs no meio educacional, as possibilidades didáticas se renovam e ampliam o papel do professor. Precisa-se compreender que estamos em um novo contexto, que cada dia mais se leciona para “nativos digitais” (PRENSKY *apud* NEVES, 2009, p. 20) que nasceram e cresceram em um contexto social, onde as TICs se fazem presentes. Sendo assim, é urgente que a



escola não ignore este fator, pelo contrário, que busque estratégias físicas, instrumentais e humanas para incorporar as mesmas em seu cotidiano.

Utilizando, das tecnologias interativas, tem-se acesso a um vídeo do Seminário “Cibercultura e Transformação social”¹⁰, especificamente a uma palestra de Pierre Lévy, aqui se destaca alguns aspectos abordados por ele sobre o papel da educação neste novo contexto.

Destaca que a inteligência coletiva está em processo, precisa caminhar rumo a sua efetivação, principalmente de forma reflexiva. Aborda o valor do processo educacional. Esclarece que acima de tudo, é essencial garantir-se um processo de ensino e aprendizagem que promova as condições básicas, por exemplo, desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação, para que os alunos estejam instrumentalizados e tenham condições de gradativamente construir sua inteligência coletiva.

Esclarece que o processo de alfabetização no ciberespaço, não é algo que demanda longo tempo, porém precisa ter saberes básicos para acessar e interagir na cosmopédia.

Lévy nos esclarece, segundo Padro (2003) que se verão mudanças qualitativas nos processos de aprendizagem se construir uma aprendizagem cooperativa, se o professor assumir o papel de animador da inteligência coletiva de seus alunos. Precisa ter e incentivar características como iniciativa, liderança, ânimo e empenho contribuindo assim para o desenvolvimento das potências criativas. “O que a sociedade precisa é que todos tentem se desenvolver até o máximo de suas potências criativas, seja criando negócios e teorias ou então inventando ferramentas e produtos, de acordo com as habilidades de cada um”, assim resume PADRO (2003, p. 1) às ideias de Pierre Lévy.

Joaquim (2013) também analisa as ideias de Lévy e esclarece que em relação à educação:

Lévy coloca em cheque a organização do sistema educacional e o papel do professor. Ambos devem levar em conta o crescimento do ciberespaço e o avanço da cibercultura. O professor deveria deixar o papel historicamente construído de centralizador do conhecimento para se tornar um incentivador da inteligência coletiva (JOAQUIM, 2013, p.1).

Consciente destas ideias questiona-se que: tutores e ou mediadores do processo de ensino da EaD têm conhecimento do quanto estão inseridos num ciberespaço e como seus atos, conscientes ou não, trazem consequências na construção deste conhecimento coletivo?

Enquanto educadores, ao sentar-se na frente de uma tela de computador, e acessarem as redes interativas, de se relacionar com um grupo de discentes, têm consciência das relações subjetivas e coletivas que perpassam o ambiente. Incentivam o poder criativo de seus alunos? Tem se consciência do valor de suas palavras? Dos sentimentos os quais podem gerar, das ações que podem incentivar? O tempo que perfazendo nessa interação virtual promovem a formação do saber coletivo?

Precisa se ter claro que a subjetividade dos grupos, interferem, determinam as tecnologias intelectuais. Ou seja, é o homem e não a máquina que está no controle e no processo de construção do conhecimento. Ao encaminhar as relações construtivas deste espaço, apesar das interferências e especificidades dos objetos, da técnica, do sistema e da rede. Faz se necessário que se tome as rédeas da carruagem que se tem em mãos. Que realize análise crítica, questione sobre como se dão, em nossa atualidade, no campo educacional, entre os sujeitos envolvidos, os planos, projetos, interações, os conflitos e interpretações que geram, como já falamos, as tecnologias e também o conhecimento.

Vislumbrando a aprendizagem colaborativa, precisa-se primeiramente, desejar ser agentes de um processo de ensino e aprendizagem que tenha como foco, o princípio da construção coletiva, o desenvolvimento de ações que vão resultar na aprendizagem colaborativa. Assim é essencial que se reflita sobre o cotidiano e a prática educativa atual, que faça análises, trace metas, estratégias, projetos para que se tenham ações conscientes visando à concretização do saber coletivo.

AÇÕES NECESSÁRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO SABER COLETIVO NO AVA.

Após leituras realizadas, pautadas nos princípios da construção do saber coletivo, elencamos algumas ações, que possam ser objeto de reflexão rumo ao desenvolvimento da aprendizagem colaborativa no AVA.

Ressalta-se que estas ações foram elencadas pensando nas relações e ações que podem ser desenvolvidas entre profissionais presentes na modalidade do ensino a distância, como também na relação com os discentes desta mesma modalidade de ensino.

Ter iniciativa, propor, sugerir suas ideias e incentivar para que os demais a sua volta também o façam, para que juntos construam novos conhecimentos e ou possibilidades (*Potencial criativo*). Valorizar o conhecimento do outro, reconhecer na diversidade a riqueza e a possibilidade da troca e a ampliação de um conhecimento coletivo;

Socializar conhecimentos, rotinas de serviço, produções cotidianas visando à troca de ideias, a somatória das especificidades de conhecimento visando à obtenção da qualidade e agilidade dos processos comunicativos e formativos. Refletir se nossa postura enquanto indivíduo e educador é de centralizador do conhecimento ou incentivador da inteligência coletiva.

¹⁰ O referido seminário ocorreu no mês de agosto de 2011 no Rio de Janeiro, promovido pela empresa Petrobras.



Valorizar e contribuir para a promoção dos conhecimentos de bases, que possibilitam que o indivíduo tenha acesso ao conhecimento do ciberespaço. Desenvolver um olhar observador com seu companheiro de trabalho, como também para o seus discentes, buscando o conhecimento que “vale ouro”, Incentivando-o a buscar e valorizar seu conhecimento.

Conscientizar sobre o valor do conhecimento na sociedade atual e incentivar a busca, o mergulhar no ciberespaço, absorvendo e produzindo a cibercultura. Compreender, pesquisar e valorizar o valor do hipertexto e da cosmopédia. Como possibilidades, recurso didáticos diversificados para o desenvolvimento de maior qualidade do processo de ensino do AVA.

Planejar ações, projetos e atividades que promovam a interação, a troca de conhecimentos e formação de cidadão que interagiram eficazmente neste ciberespaço promovendo a cibercidadania. Estar atento aos possíveis conflitos culturais e ou de comunicação para mediar às relações, visando sobre tudo, relações sociais saudáveis onde o princípio da coletividade e democracia perpassa as relações visando à construção de conhecimento por todos.

Espera-se que este processo de reflexão, possa desencadear atitudes que promovam, gradativamente, a valorização dos princípios coletivos. Que os educadores compreendam, valorizem e sintam o desejo de promover a construção de uma aprendizagem colaborativa. Que consigam vencer o preconceito arraigado na sociedade onde somente alguns saberes e pessoas, são valorizados em detrimentos de outros, que a perspectiva da aprendizagem coletiva possa contribuir para a superação da “violência simbólica”¹¹ encontrada no ambiente escolar

4 CONCLUSÃO

O homem se destaca dos animais pelo desenvolvimento do pensamento, pela presença da comunicação através da linguagem e almejamos que dando continuidade ao processo de desenvolvimento do ser humano, esta linguagem, agora mais sofisticada, informatizada e interativa nos leve a uma sociedade mais justa e igualitária, onde o saber, o conhecimento compartilhado promova a qualidade de vida a todo ser humano independente de raça, credo e ou fatores históricos e econômicos. Que a comunicação promova a valorização do ser humano acima de todos os interesses pessoais e da diversidade social.

Compartilhando deste pensamento é que se espera que gradativamente, a sociedade se conscientize sobre o valor da inteligência coletiva. Que o homem compreenda a harmonia do pensamento coletivo que se sobrepõe em resultados mediante ao individualismo, fruto de um “espaço da mercadoria” que segundo Levy, já se encontra ultrapassado. Que valorize e promova a interação, a busca do saber que volta para cada pessoa em forma de benefício.

Conscientes de que se vive no espaço do saber, onde o conhecimento vale ouro, almeja-se que a educação, em especial, a educação à distância, possa, gradativamente, promover esta aprendizagem colaborativa, cumprindo assim seu papel educacional e social na democratização do conhecimento.

O mundo onde a evolução tecnológica e eletrônica atinge índices de velocidade, onde a mente humana, sozinha, não tem condições de acompanhar, desta forma entende-se como essencial este princípio de construção do conhecimento de forma coletiva.

Espera-se que cada dia mais a ousadia de aventurar-se na busca do conhecimento no ciberespaço. Que possa ser desvendado as possibilidades criativas oferecidas pelos sistemas, pela TICs como também pelas experiências e saberes que estão disponibilizados neste espaço fruto do saber de cada indivíduo posto a serviço de uma coletividade.

Que possam ter acesso a cibercultura, aprender com ela, fazê-la ser conhecida, valorizada e também de certa forma, deixar um pouquinho de sua subjetividade neste espaço, quem sabe, uma leve, porém frutifica contribuição educacional.

Que os profissionais, que atuam na modalidade de ensino à distância, direta ou indiretamente nos AVAs, possam buscar compreender melhor o potencial criativo do saber coletivo. Que aprendam a se desvencilhar dos ideais individualistas cristalizados em na cultura e sociedade, para que tenham condições de desenvolver novos pensamentos, ações, competências e novas práticas visando um novo posicionamento enquanto indivíduos e educadores.

¹¹ Termo Violência simbólica, utilizado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, destaca que na sociedade atual, o conhecimento da classe dominante é colocado de forma sutil como o ideal de saber, desvalorizando os demais, desenvolvendo assim uma violência simbólica contra um grande grupo.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Siderly do Carmo Dahle de, FERNANDES JUNIOR, Alvaro Martins. **Ambientes de Aprendizagem em Ead**. Maringá – PR: UNICESUMAR, 2014.

JOAQUIM, Bruno dos Santos. **Pierre Lévy**: conceitos-chave no estudo da cibercultura. Disponível em: <<http://www.cafecomsociologia.com/2013/09/pierre-levy-conceitos-chave-no-estudo.html>> Acesso em: 22 jul.2015.

LEITE, Cristiane Luiza Köb; PASSOS, Marileni Ortencio de Abreu; TORRES Patrícia Lupion; ALCÂNTARA, Paulo Roberto. **Aprendizagem Colaborativa no Ensino Virtual**. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2005/anaisEvento/documentos/com/TCCI167.pdf>> Acesso em: 20 jun.2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 4ª ed. 2003.

LÉVY, P. **As tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

NEVES, C. M. de C. **Educar com TICs: o caminho entre a excepcionalidade e a invisibilidade**. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 35, n.3, set./dez. 2009. Disponível em: < <http://www.senac.br/BTS/353/artigo-02.pdf>> Acesso em: 15 dez. 2014.

RAMAL, Andreia Cecilia. **Educação na Cibercultura**: Hipertextualidade, Leitura, Escrita e Aprendizagem. Porto Alegre: Artes médica, 2002.

ROVER, Aires José; CARVALHO, Marisa Araújo (org.). **O sujeito do conhecimento na sociedade em rede**. Florianópolis: Fundação José Arthur Boiteux, 2010. 374 p. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/sujeito_de_conhecimento_na_sociedade_ultima_versao.pdf> Acesso em: 22 jun. 2015.

SOUZA, Marcio Vieira. **Redes informatizadas de comunicação**: A teia da rede internacional DPH. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2008.

Prado, Ricardo. **Estamos todos conectados**. São Paulo: PUC, 2003. Disponível em:

<http://www.ich.pucminas.br/pged/db/wq/wq1_LE/local/pierrelevy_conectados.htm> Acesso em: 4 ago. 2015.